LUCK, H. Gestão educacional: uma questão paradigmática. 9 ed- Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

MORAN, José Manuel. Aperfeiçoando os modelos de EAD existentes na formação de professores. Disponível em: Acesso em: 05 jul 2020.

SOUSA, A. da S. Q.; RAMALHO, B.L. Políticas de Formação de Professores no Brasil e a modalidade a distância: pontos para reflexão, IN Revista Exitus UFOPA Belém, PA: Editora: Destaque-se- ano 2, 2012.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA EDUCATIVA

ROSÂNGELA CARDOSO DOS SANTOS

RESUMO

O artigo tem por finalidade auxiliar o professor nos momentos de contação de história, como também refletir a importância das mesmas no processo de ensinoaprendizagem. Muitas vezes a história representa a realidade da criança, seu dia a dia, a vivência, seus desafios e diversidade. Os momentos de contação de história proporcionam diversos aprendizados, entre eles, enfrentar e superar dificuldades, vencer medos e desafios, lidar com as pessoas. O ato de imaginar leva às crianças a relacionarem as coisas umas com as outras, e ao relacioná-las é que elas podem construir o conhecimento. Esse conhecimento pode ser adquirido pela criação de relações e não por exposição a fatos e conceitos isolados, e pode ser através da atividade lúdica que a criança o faz.

Palavras-Chave: Histórias. Imaginação. Livros.

1. INTRODUÇÃO

O momento que vivemos é o do acesso fácil à internet, à tecnologia da comunicação e informação, a criança tem esse acesso ao mundo digital de maneira muito fácil. As informações chegam facilmente através da mídia, do celular, e com toda essa facilidade de informação e entretenimento, o livro foi deixado de lado, as crianças não demonstram interesse pela leitura deixando um desafio ao educador.

A contação de história era uma forma de prender a atenção das crianças em sala de aula, e o contador vem surgindo novamente, renascendo, a contação é uma ótima ferramenta pedagógica para auxiliar o professor o educador na educação infantil, no ensino fundamental, ela atiça o gosto pela leitura à imaginação, a criatividade a oralidade, envolve o afeto e a socialização.

Estamos diante de uma sociedade contemporânea em que muitas coisas tomaram novas formas e significados diferentes. A tradição de alguns costumes vai se perdendo com o passar do tempo. Mas contar histórias é uma tradição que continua viva e apesar de ter ganhado novos elementos necessários à nossa época guarda a sua essência exatamente como começou, ou seja, transmitindo conhecimentos, saberes, lendas, mitos de geração em geração. Os pais nunca deixaram de contar histórias aos filhos, nem os professores, nem as amas de leite, nem os avós, nem os tios e tantos outros. As crianças

nunca deixarão de querer ouvir histórias. Há sempre alguém a contar uma história.

2 - UMA VISÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.

Entre os séculos XVII e XVIII, a criança era tida como um mini adulto, com tarefas de adulto, não se compreendia que a mesma era diferente e tinha pensamentos e necessidades diferentes, tanto que a taxa de mortalidade infantil era alta para a época. A literatura era ensinada às crianças de igual modo como para os demais adultos, como se as mesmas já tivessem compreensão para entendê-la.

Somente com a ascensão da burguesia e com a mudança da cultura familiar que a criança começou a ser reconhecido como tal, como indivíduo diferente do adulto. Na escola, os profissionais sentem a necessidade de mudança, o que alavanca a mudança de paradigmas na conjuntura educacional.

As primeiras histórias foram feitas por educadores e pedagogos no final do séc. XVII e durante o séc. XVIII.

A contação de histórias é uma das artes mais antigas que se tem notícia. Essa atividade existe desde o surgimento do homem, a milhões atrás. É uma pratica da cultura humana que existe antes da invenção da escrita. Era através da contação de história que se passavam as informações, as notícias, era o modo como a cultura e tradição eram disseminadas. Era a forma mais significativa que a humanidade tinha de se expressar.

Contar histórias se tornou o ato que a humanidade encontrou para expressar experiências que na verdade não aconteciam, era uma atividade de comunicação.

Por meio desta era repassado costumes, valores e tradições para estimular a formação do cidadão.

O ato de contar história é mágico, pois enche de emoção o coração, a imaginação, dá sentido ao que se conta, se emociona, toca o coração. A contação de história esta ligada à imaginação infantil, tornando possível o que na vida real é impossível. Contribui incentivando o gosto pela leitura, ampliando o vocabulário, proporcionando um melhor desenvolvimento do consciente e subconsciente no seu espaço íntimo interno e externo.

2.1 AS RODAS DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste contexto veremos a importância das rodas de histórias como elementos importantes para qualificar o momento da leitura e a narração oral de histórias.

Durante a roda de história a mediação deve ser aplicada pela voz da professora que lê, canta ou narra. Essa mediação implica proximidade entre quem conta e quem ouve.

“A história da leitura em voz alta é uma história de deslocamento. A ênfase, antes colocada no encontro com o texto, se desloca para o encontro entre pessoas envolvidas na comunicação. O foco não reside mais na apropriação do texto; ele passa a se situar na singularidade de uma mesma comunicação espacial entre uma pessoa que dá a voz a um texto e outra que, ao escutá-lo, a enxerga.” (BAJARD,

1994, p. 53).

A relação que se dá entre o adulto e a criança durante a roda de histórias é, portanto, mediada pela linguagem. Assim considerando que as crianças estão numa etapa evolutiva, à professora que lê ou conta uma história esta contribuindo para o desenvolvimento da linguagem e para a socialização dos alunos, possibilitando a construção de sua identidade, cujos educandos partilham emoções, formas de interpretar a si mesmo e a realidade vivida.

A roda de histórias é uma forma de oportunizar aos alunos novas descobertas, em certas ocasiões, as crianças escolhem os livros ou pedem que o professor reconte histórias já conhecidas em seus repertórios, em outros momentos acolhem a escolha do professor. A escolha dos cantinhos em que será ouvida a história poderá ser atribuída a grupos de crianças, ao participar da roda as crianças ampliam seus conhecimentos, tornando os contos uma ferramenta sociocultural.

Com estas práticas adotadas o professor desenvolve no seu aluno a autonomia influenciando para a formação pessoal dos educandos. Um grande desafio do professor é desenvolver nas crianças pequenas um olhar sensível, buscando sinais de interação que elas nos mostram, mesmo quando ainda não dominam a linguagem oral.

Ao propor a roda de histórias na educação infantil o professor estreita vínculos, desenvolve a coletividade, fazendo com que o aluno participe juntos daquilo que gostam, oportunizando a experiência de evasão da realidade, uma viagem ao mundo imaginário. A roda de história mais que uma experiência é atividade que envolve vários aspectos seu corpo, sua ideias, sua imaginação, aguçando os sentidos, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, resultando em interesse crescente para ouvir histórias, possibilitando um vasto repertório com histórias que partem do seu mundo imaginário, a sua realidade, portanto é dever do professor oportunizar momentos de rodas de histórias, no qual, sejam ouvintes participativos e ativos na educação infantil, sendo mediadores de aprendizagens, buscando sempre novas formas de despertar o interesse e a curiosidade dos alunos nas rodas, tornando este momento prazeroso e agradável para os alunos.

2.2 CONTAR É DIFERENTE DE LER

Contar e ler histórias são ações distintas, no qual, o professor deverá garantir o direito à leitura e a narração de histórias, lembrando que se faz necessário explicarem para os alunos quando contar ou ler a história. Porém, quem contar ou ler uma história deve dominar o enredo.

Porém, aquele que lê a história deve dominar a arte de contá-la, estar preparado suficientemente para fazê-lo apoiando - se no texto, sabendo utilizar o livro como acessório integrado à técnica da voz e do gosto.

“Estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou recurso mais adequado de apresentá-la. Os recursos mais utilizados são: a simples narrativa, a narrativa com auxílio do livro, o uso de gravuras, de flanelógrafos, de desenhos e a narrativa com interferências do narrador e dos ouvintes.” (Betty Coelho, 2004, p.31).

Ao ler a história o professor deverá seguir exatamente o que esta no livro, quando o professor lê um texto à criança aprende que o que o professor esta falando não esta saindo da cabeça dele, e que aquelas marcas no papel querem dizer algo, aprendem a manusear o livro folheando as páginas da direita para a esquerda, que se lê de cima para baixo, tudo isto é observado pelas crianças.

Esta ação é de grande importância, pois, através dela a criança multiplica seu repertório de palavras e expressões, identifica imagens, juntamente com o texto, e conta a história.

Ao contar a história o professor explica a mesma, mais em seguida conta com suas palavras, utilizando de gestos, expressões faciais e corporais. Portanto o professor permite que a criança observe as particularidades da linguagem oral, através da entonação e das expressões faciais. Ao contar histórias o professor provoca a curiosidade da criança, possibilitando que ela perceba as diferenças entre a linguagem oral e escrita.

Portanto, contar e ler são ações distintas, mais que permitem a entrada das histórias no universo infantil e que lhes proporcionam diversas aprendizagens, e devem estar cada vez mais presente no cotidiano das instituições de educação infantil para afagar, surpreender, emocionar, constituir o imaginário das crianças. O professor atua como um interpretador da criança exercendo a função de mediador.

2.3 POR QUE CONTAR HISTÓRIAS?

"Era uma vez..." tem sido a senha para se entrar no maravilhoso mundo dos contos, lendas e fábulas. Bastam que alguém pronuncie estas três palavrinhas mágicas que o encanto acontece, e crianças e adultos hipnotizados, esperam que o contador prossiga com sua narrativa. "Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem

para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo..." (ABRAMOVICH, 1989, p.16).

Ao se ouvir uma história tem-se a possibilidade de refletir sobre a vida, sobre a morte, sobre nossas atitudes e escolhas, pois elas falam de dor, luta, compreensão, compaixão, solidariedade, esperança, e isso tudo proporciona enorme prazer.

Segundo Fanny Abramovich (1989), "é ouvindo histórias que se podem sentir emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouvem com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma dela fez (ou não) brotar... Pois ouvir histórias é sentir e enxergar com os olhos do imaginário!".

Por meio de uma história é que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É saber de história, geografia, filosofia, política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar quem tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser lite-

ratura, deixa de ser prazer e passa a ser didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo).

Segundo Coelho (2005) “na frase de leitor iniciante, que é o caso das crianças das pré- escolas, as histórias podem ser as fusões de dois mundos: o da fantasia e o do real, enfatizando o fenômeno de pensar, do sentir e do querer em sua necessária complementaridade”.

Uma das grandes virtudes da literatura para o ensino, especialmente em Educação Infantil, é atuar na fusão dos mundos da fantasia com o real. Trata-se da valorização dessa capacidade criativa e inventiva das crianças, estimulando--as a explorar esses limites e esses dois mundos de forma simultânea, é o que se busca estimular: o exercício na recriação de lugares mediante uma contação de histórias.

O contato da criança com a literatura por meio da contação de histórias possibilitará desenvolver sua percepção tanto do espaço como do lugar. Diferenciam-se essas duas categorias na relação corporal e sensitiva da criança, ou seja, o lugar é o meio sensitivo e experimental do corpo, enquanto o espaço não pode ser vivenciado e nem experimentado pelo corpo. O Brasil não é um lugar, nessa concepção, pois ninguém por meio dos sentidos (que são corporais) consegue vivê-lo, mas é um espaço, enquanto sala de aula, a casa, pois são lugares onde se vive e sente o ambiente.

Dessa forma, no contato da criança com a literatura, por meio de conversas ou mesmo de contações de histórias ela terá possibilidade de desenvolver sua percepção tanto de espaço quanto de lugar.

A recriação de lugares, ou seja, a descrição de lugares, mesmo ficcionais, que são frutos da imaginação das crianças por meio da literatura e de desenhos é uma forma de exercitar várias das utopias que a educação contemporânea tem buscado alcançar, colocando em relevo a experiência da criança e estimulante a criticidade, a criatividade, a autonomia e autoconhecimento. Sugerir que a criança crie desenhos ou brinque de faz de conta fará com que, a partir dessa experiência imaginativa da literatura, possa ela mesma continuar a investigar o mundo em busca de novos lugares e novas experiências, ampliando seus conhecimentos e inserindose na sua própria realidade cotidiana.

Por meio do prazer ou das emoções que as histórias proporcionam, o simbolismo que está implícito nas tramas e personagens, vão agir no inconsciente, atuando pouco a pouco para ajudar nessa fase da vida.

De maneira inconsciente e divertida, a criança entra em contato com a sabedoria humana que vem da origem dos tempos, foi guardada pela memória dos povos e transmitida pelo “contar histórias”, mais que entretenimento prazeroso, é uma experiência vital, é um exercício de viver.

Nesse sentido, os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta.

2.4 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

No decorrer da história da Educação Infantil, podemos observar os diversos meios e instrumentos que fizeram parte e ainda farão no que diz respeito à construção do conhecimento da criança e seu importante papel dentro do contexto educacional e social.

As diferentes formas de ensinar, aprender, observar e constituir uma educação que visa o contínuo crescimento e absorção dos aspectos físicos, cognitivos, psicológicos e de ordens sociais e culturais. O papel importante do brincar, do fazer na prática, do ouvir, refletir e questionar.

Sendo assim, dentre várias fontes e habilidades lúdicas, para o conhecimento, a partir da Educação Infantil, primeiro contato da criança com o mundo social, fora de seu âmbito familiar, os educadores propõem elementos que estimulem esse processo rico e didático, envolvendo grandes formas de ensinar e contribuir para educação. Com isso, podemos a partir das diversas atividades, englobar a importância da contação de histórias, nesse contexto de descobrimento e imaginação do mundo.

O papel do professor de intervir e observar tais avanços permite a ele, trabalhar de maneira natural, supervisionando o interesse da criança e sua forma subjetiva de olhar mundo ao seu redor. Uma história muda toda uma visão a partir da própria história lida, ouvida e interpretada, dando suporte a novas dimensões, construindo características e posturas de avaliar a criança e o trabalho docente.

A tomada de decisões do professor gira em torno da observação e da supervisão de suas tarefas, utilizando materiais e criando assim, situações em que as crianças possam e devam participar. Uma história pode ser modificada, dramatizada, refeita, respeitando os personagens e a ideia que a história visa apresentar, porém, ao ouvir, sejam contos de fadas, aventuras, ficções, entre outros gêneros, a criança em seu mundo, reflete, cria, indaga e faz a partir do seu olhar e imaginação, a extração de seu senso crítico, mesmo esta, sendo uma criança ainda inserida na Educação Infantil, pois é nesta estrutura educacional, que preparamos o cidadão para as seguintes etapas perante a sociedade. (KISHIMOTO, 1993).

Os projetos didáticos, a organização dos currículos e as atividades relacionadas ao processo de construção do conhecimento, são reconhecidos desde cedo, através deste trabalho infantil, não podemos nos esquecer de que atividades como cantar, manipular instrumentos, brincar, modelar, compor, observar e contar histórias, são experiências com objetivos culturais e sociais, que geram a integração e a participação ativa da criança.

Elaborar é projetar e constituir a integração de diversas propostas, seja ela na hora do escrever, lerem, representar um desenho, construir uma história, ou a sua história, são bases que possibilitam a compreensão e as relações coletivas e individuais.

Desde cedo à criança desenvolve modos de observar o mundo, através de habilidades e conceitos, sejam eles realizados em grupos ou individualmente, descobrindo os significados e as hipóteses do ambiente ou atividade proposta. Sendo a

partir desses paradigmas que um projeto didático pedagógico visa construir, oferecendo às crianças a oportunidade de explorar seus conhecimentos prévios e sua criatividade. Interagindo com o professor e com os colegas, a utilização de ferramentas que buscam esse desenvolvimento, colaboram também para formação do raciocínio abstrato e lógico, analisando e observando seus projetos e projeções.

Contudo, observamos que os mais variados temas e sugestões visam à curiosidade e relação afetiva da criança com o tema proposto, onde elas possam investigar e assim elaborar seus próprios projetos, a partir do projeto didático do professor, sendo este, possibilitado através de uma contação de história. O projeto didático possibilita não somente ao professor expor suas experiências, mas especialmente às crianças, promoverem suas experiências prévias na interação uma com as outras, sendo através deste trabalho o surgimento e construção social e histórica, tendo suas representações elaboradas e pensadas, desde o passado, passando pelo presente e pelas mudanças contínuas do processo de construção do conhecimento, onde a infância é parte primordial deste processo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve como objetivo valorizar a contação de histórias como ferramenta indispensável para os alunos de Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Portanto, deve-se oportunizar aos alunos o contato com a história, criando vínculos para que os mesmos possam ser atraídos pelo gosto da leitura. É desde a primeira infância que a criança adquire este prazer pela leitura.

Este processo de ensino e aprendizagem acontece através das vivências, de situações, no qual, o aluno aprende com as relações sociais, portanto a interação é parte integrante deste processo. Além da diversão a criança adquire novos conhecimentos, vivencia situações de por meio de estímulos dos professores.

A contação de histórias é o portal que leva as crianças ao mundo dos livros, permitindo que a literatura seja para a criança o espaço fantástico para a expansão do seu ser, exercício pleno da sua capacidade simbólica, visando trabalhar diretamente com elementos do imaginário, do maravilhoso e do poético. Amplia o universo mágico, transversal da criança para que esta se torne adulto mais criativo, integrado e feliz.

Diante destas considerações os professores devem valorizar a contação de histórias, a partir da compreensão da importância dessa prática para o desenvolvimento infantil. Vemos que o educador pode preparar seu trabalho a partir do conhecimento que tiver sobre a organização das histórias infantis, que são histórias que podem provocar o imaginário infantil, permitindo que os alunos liberem seus sonhos. Na mediação do trabalho, as crianças criam possibilidades, levantam hipóteses sobre as histórias e apontam as relações sobre os acontecimentos.

Portanto, na contação de história o aluno desenvolve os aspectos cognitivo e social, e é função da escola proporcionar o contato com diversos gêneros literários.